

A CHRYSALLIDA

Periodico da Mocidade do Lyceu Cuiabano

REDACTOR CHEFE:—Benjamin D. Montelro

COLLABORADORES:—Diversos

Publicação quinzenal—Redacção: Rua Joaquim Murtinho 169

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

N.º 23

Cuiabá, 16 de Junho de 1927.

ANNO II

13 de Junho

A alma mattogrossense vibra de entusiasmo ao recordar a data feliz de 13 de Junho que arvorou novamente na risonha "Princesa do Paraguay", a bandeira da nossa Patria, que preterida nos seus proprios mastros, se achava tripudiada pelo gladio trahicoeiro e sanguinario dos paraguayos.

E mal despontara a alvorada daquella manhã, o C.º Antonio M. Coelho, que á frente de um pugillo de bravos, partira de Cuiabá, desembarcára nas proximidades de Corumbá, apoderando-se, após um forte e renhido combate, da cidade que indefesa, gemia: escravizada por cerca de dous annos.

Bem injusta seria portanto a nossa attitudo, se não commemorássemos com rara solemnidade, esta data que significa o mais importante episodio da invasão paraguaya em Matto Grosso.

Dessa guerra do Paraguay, que Lopez moveu trahicoeira e violentamente contra o Brasil, temos o exemplo pratico das graves consequencias que soffre um paiz que não se prepara para a guerra.

Entretanto nesse tempo não faltou quem mostrasse a falta de recursos de que dispunha o Brasil e especialmente o abandono de Matto Grosso, offerecendo facilidade de conquista.

Até hoje, ainda pouco se fez nesse sentido.

E ha poucos meses atraz, se levantava na Camara dos Deputados a voz do G.º Potyguara, protestando contra o descaso em que é tida a nossa defesa nacional.

Dizia elle, que a Argentina possuía um exercito permanente de 60.000 homens, cerca de mil canhões dos mais modernos, mais 60.000 fuzis Mauser, 65 canhões

de grosso calibre... e ainda mais duas commissões militares, fazendo acquisição na Europa de navios de guerra, carros de assalto etc.

Acabemos com a insinuação de que o armamento de uma nação constitue ameaça e provocação á soberania das demais.

Convençamo-nos de que um paiz só é respeitado e admirado quando pode fazer valer o seu direito pelo canhão e pela bala.

A guerra, como bem disse Ruy Barbosa, é um incidente da paz, como a morte um phenomeno da vida.

Portanto, devemos estar sempre preparados.

Sou um amigo e propugnador da paz, mas acho logica e razoavel esta phrase: "quem quiser a paz deve preparar-se para a guerra".

O Brasil que sempre tudo procurou resolver pela paz e arbitragem, não recuará tambem ante a luta.

E esses milhões de filhos que se espalham pelo seu vasto e uberrimo territorio, saberão transformar de cada braço uma arma, de cada peito uma trincheira para a defesa da sua integridade e gloria da nossa raça.

Touradas

Que aclamações são essas?

Que multidão é essa, que acclama ella? Ouvés? A musica tambem realça, tambem acclama!...

Será algum vate feliz acclamado pela multidão?!

—Não, Cheguemos e verás o que é.—Mas será possivel?

Será possivel que em pleno seculo XX se reproduzam os mesmos barbaros divertimentos dos arabes invasores da Iberia?!

—E' verdade! e essa multidão que ahi vés, essa turba inconsciente do que está a ver, se jata de ser um povo civilizado, de ter por forma de governo a republica e de se achar na vanguarda das grandes civilizações.

Esse povo que ahi vés acclamando, delirando em vivas quando um racional bruto, aproveitando de seu raciocinio, fere um touro, que cego pela dor e pela colera contra elle se investe, esse mesmo povo, se revolta e grita quando tacham-no de retrógrado!...

E no entanto, vé o mesmo que os romanos em seus tempos decadentes applaudiam, hoje, em um circo tambem, um povo acclama, os divertimentos predilectos dos Cesares!

"De dia o cheiro do sangue, á noite a orgia do vinho e da volupia..."

E ás creanças, quanto mal não causam?!

Despertar na alma virgem da creança os sentimentos de crueldade e de crime que sómente a idade e os desganhos da vida muitas vezes criam?!

Contribuir para as touradas é pois, contribuir para o augmento da criminalidade em nossa terra, é um crime portanto. E contribuir para a nossa desmoralização.

Delenda tourada! é o nosso grito, e o que devemos ouvir de todos os homens de bem.

Pulherio Filho.

A INGLATERRA

Bem sei que a verdade nem sempre é gratamente acolhida, principalmente quando se trata da acção da Alemanha na guerra mundial. Mas a verdade é a base da religião, da sciencia e da historia. E fazer justiça não só é meu dever como o é de todos os homens de boas acções e de melhores sentimentos e até mesmo dos menos creduos. E isso, aliás, não é favor, mas divida, principalmente á Alemanha que lutou contra a desgrenhada tyrannia do Sansão Inglez, que vai espalhando o incendio e o luto pelos angulos do mundo! Oh! Inglaterra cruel!

Não é mais do que um archi-monstro do velho mundo! O facto que vos trago aqui, é semelhante ao do dictador paraguay, que fingiu protector da independencia e da integridade das republicas de origem hespanhola, quando na realidade, tinha em vista a dominação do Prata, do Rio Grãnde do Sul e Matto-Grosso. «Para a Inglaterra, diz Seeley, a guerra é uma industria, uma das possiveis maneiras de adquirir riquezas, o melhor negocio e a mais lucrativa probabilidade de pôr seu dinheiro a juros, que possa existir».

Espionava a Alemanha; espreitava-a como o lobo o cordeiro, que se desalterava na corrente de uma onda limpida. A força de meditar, descobriu o modo de resolver o infame problema, encontrando para lhe auxiliar duas nações mais denegridas e pervertidas, como encontrou, no passado, a Hollanda, para aniquillar a Hespanha e a França para aniquillar a Hollanda. Balda de razões, metteu-se, com a maior desfarçatez, como juiz da discordia austro-servia, propondo-a ser submettida á sua decisão ou á dos seus dignos emulos ou então á do arbitro do do tribunal de Haia. A Alemanha se recusou em acceitar, por não querer que a dignidade de sua alliada se submettesse, ao «placet» machiavelico formulado pela Inglaterra. Não constituindo isto razão apparente para declaração de guerra, procurou, do modo mais satânico, outra forma de processo. «Se não és tu, então é teu pae,» ou melhor: se a recusa não constitue razão apparente, a violação belga constituiu.

Se a Alemanha invadiu a Belgica foi porque tinha em vista fazer o mesmo que a Inglaterra

fez á Dinamarca em 1807. Se a Alemanha violou o tratado, foi porque tinha em vista fazer o mesmo que a Inglaterra fez aos principes indianos..... Se a Alemanha passou as suas tropas, na Belgica, foi porque tinha em vista agir depressa, como tinha a Inglaterra, violando a neutralidade greca e desembarcando as suas tropas em Salonica (Agosto 1914), sem previo consentimento do seu rei Constantino. Seja como for, o brado de guerra da Inglaterra não intimidou a Alemanha. Ella caminhou serena para o sacrificio como os christãos para o amphitheatro de Roma.

E hoje ella fita o céu com segura confiança nos seus destinos.

Olveira Bastos.

A róta azul.

«Gandoleiros do Ideal! Ide ao Alem... Vogai!» Traçai na immensidade azul do firmamento, ó guerreiros românticos da latitudade, a fulgurante róta da gloria e do heroismo, que ha de ligar eternamente os corações latinos!...

Vamos... Avante!...

Olhai o sol dos tropicos que alumia o brasão do Ideal; e, n'elle vereis esculpido no ouro da emoção, a imagem sagrada da gloria e da belleza, guia perpetua dos povos latinos, que os conduz á santificação. Tentai o salto da morte!... Saint-Romam pereceu na trajectoria da gloria, escrevendo na historia da França cuja gloria é imperecível, mais uma pagina brilhante.

Morreu envolto no manto do mysterio e hoje repousa na paz dos pèlagos profundos, tendo a luz do Cruzeiro a illumiar-lhe os recantos do negro cemiterio e por préce o soluçar das vagas que cantam, «frementes, soluçantes, as mortes dos heroes e as luctas dos gigantes».

Fazei reviver o genio latino, seguindo o exemplo de Saint-Romam! Pois, n'essas veias corre aquelle mesmo sangue dos romanos antigos, rudes mas virtuosos e que não se assentaram aos banquetes da devassidão de Roma!

Se foi infeliz e pereceu, podeis ser felizes e ao lado da fama conquistada, tereis tambem a gloria da Patria enamorada, cuja bandeira palpitará ao soprar das brisas do Atlantico, em regiões onde não alcançam as asas do condor e do albatroz, significando assim, para a latitudade, mais

uma vez a posse das culminancias supremas.

Se pereceres, os seus nomes serão venerados por todos os tempos; tereis, a suprema satisfação do cumprimento sincero dos seus deveres e vivereis eternamente nos corações latinos, pois:

«A propria morte—a grande luctadora
Fica vencida quando o genio assombra».

A. Molina

A Republica

A republica, cidadãos, é exactamente o governo do povo pelo povo; não que o povo se governe de um modo anarchico, fazendo cada qual o que lhe quadra;

O povo elege entre si o homem de maior cultivo para reger-o durante determinados annos, e elege em seguida outros homens de talentos para formularem as leis. Todos os cidadãos devem honrar-as e respeitá-las como cousa inviolavel. Todos os cidadãos, na legitima republica, são iguaes pelo nascimento e distinguem-se apenas uns dos outros pelo bom merecimento.

Todos os honestos cidadãos devem honrar a republica, porque n'ella que vão encontrar o melhor modo de obter n'este mundo, na docura do bem distribuido sem idéa de remuneração a maior felicidade possivel do povo.

O verdadeiro republicano só deve conhecer uma regra para a sua liberdade individual: é onde inicia a liberdade do proximo.

Todos os republicanos devem se considerar iguaes a todos, porque qualquer que seja o cargo que possua, julga o homem mais modico capaz de attingir a propria cousa, de ultrapassal-o si conseguir aperfeiçoar as suas boas faculdades moraes e intellectuaes.

Com effeito, tambem não consente que pessoa alguma lhe ultrapasse e por tal razão nunca se submeterá a ser regido por uma familia privilegiada.

O verdadeiro republicano posue a sua religião, porém considera as crenças alheias, tambem não obriga pessoa alguma a crer n'esta ou n'aquella religião.

Todos os cidadãos ao attingir 21 annos de idade serão considerados cidadãos completos, entrarão na posse de todos os seus direitos e ficarão mais obrigados com a Patria e a Republica.

Esses direitos, todos devem prezar como cousa inviolavel.

que tem custado muito á humanidade.

Todos devem cumprir esses deveres com a devida dedicação.

O cumprimento de taes deveres consiste na segurança dos direitos do cidadão, e quanto mais proxima, mais brusca, mais amada e mais elevada for a Republica, tanto maior será o valor do seu nome, e por este se avaliará o prestigio de seus honestos filhos. A vida de todos os cidadãos pertencerá ao sólo, isto é a Patria em que nasceram, e cõ o grão pressurosos em sua de-feza no momentos mais difficil para a nação.

Salve o Brasil!

Salve a Republica do Brasil!

P. MURTINHO.

ERA por uma dessas belas e apreciáveis manhãs de Março em que não havia uma nuvenzinha por mais tenue que fosse para macular o rico marito azul que encobria o nosso céu turquesino.

José um belo official de olhos seductores, uma linda cabeleira loura e um sorriso que revelava a bondade angelical do seu coração, dispõe-se a aproveitar aquella manhã fresca e limpida para fazer um passeio de reconhecimento pelos arredores daquella vila que ainda não conhecia, pois a ella havia chegado ha 2 dias apenas, afim de comandar o destacamento local. Quando partiu, o pequenino relógio que trazia preso ao seu pulso, marcava 5 horas. Atravessou a vasta campina que se estendia em frente á sua nova habitação, fazendo de espaço a espaço pequenas paradas; aqui para colher uma florsinha mimosa, ali para ouvir o cantico da passarada em festa, acolá para admirar a limpidez do riacho que por ali deslisava mansamente.

A' distancia de meio kilometro, divisoa a entrada encosta de um outeirinho, uma casinha branca de singular mas poetica apparencia.

José dirigiu-se em direcção áquella modesta habitação cuja porta encontrou cerrada. Parou em frente e poz-se a contemplar aquella rustica vivenda...

Eis senão quando, ouve partidos lá de dentro uns gemidos angustiosos. José bate á porta 3 vezes inutilmente; afinal em arrastando-a devagar, abre-a mansamente e entra á ponta dos pés. A um canto da sala, deitado numa rede jazia um velhinho para-

lytico; a seu lado, deitada num velho catre, estava uma pobre senhora agonizante.

Ajoelhada á cabeceira da doente com as mãosinhas postas e os olhos voltados para o alto, uma linda menina orava com fervor, implorando as graças do céu para os seus entes queridos...

José ficou longos momentos imóvel, a contemplar aquella menina de divinal beleza, cuja attitude piedosa dava-lhe o aspecto de um anjo velando á cabeceira de sua mãe. Depois chegando para junto do velhinho saudou-o com um bondoso sorriso, perguntando-lhe em que podia ser-lhe util. O desventurado velho fitando com espanto as feições sympathicas do desconhecido, disse com voz tremula e sumida: ha 10 annos que vivo no fundo desta rede, victima dos meus sofrimentos. Como se não bastasse essa minha desdita cae agora enferma a minha pobre mulher e pelo seu estado grave parece-me não se levantar mais.

Neste momento, a moribunda, num gemido triste, prolongado, entrega sua alma ao Creador!

Foi um momento de tristeza indescritivel. O velho paralitico, na sua rede, sem poder ver a sua querida companheira, derramava abundantes lagrimas emquanto que a pobre mocinha em pranto copioso, entrecortado de soluços, abraçava o corpo já inerte de sua mãe querida.

Que será de mim, Deus do céu? Dizia Angelina apertando a cabeça com suas mãosinhas olvas e tremulas. Sosinha no mundo quem velará por mim? Filha, disse-lhe o bravo militar: a providencia aqui me enviou para ser teu projector. Serás minha esposa bem amada!

Maira de Oliveira.

A' guisa de chronica

Tarde de frio... tarde de festa...

O céu, esbranquiçado, melancólico, despido de seu azul poetico, apresenta o aspecto de um pais esgotado, sob cujo solo dormem centenas de filhos que tombaram nas convulsões de uma luta ingloria... O sol, escondido nas brumas da abóbada ethérea, chora, talvez, o obscurantismo da humanidade que, illuminada embora pelos raios do progresso seculo—vinteno, ainda sente vibrar na sua natureza intima o impulso inconsciente que a conduz á barbaria...

Estamos no "Ourique"... As horas correm...

A tristeza do firmamento contrasta com a alegria de almas que deliram excentricamente... Mas, não ha regra sem excepção e até a excepção confirma a regra... Assim, lá, nos recantos de um camarote, afastando-se do procedimento commum, ha uma alma que, quasi indifferente as bacchanas mundanas, medita, ouvindo as ironias do mundo que vê tudo e de tudo sorri...

Por que motivo, trata ella com desdém esse torneio que o povo tanto applaude?!...

Não sabemos... Talvez reconheça a verdadeira civilização...

Não, se tal meditação por isso fosse—diz um nosso amigo—ella se retiraria daqui... a realidade é que em meio do florir de sua juventude aquella alma encerrada num corpo de formosura hellénica (apoiados...) passa transes dolorosos, motivados não pela festividade á que assistimos, mas, sim, por um simples, ingenuo e sincero amor que costuma, principalmente, neste seculo dos excessos, impingir asperas provações aos *conhadores*...

Pobre alma, dizemos, estar sentindo as durezas da sorte... Somos atacados por alguém a resmungar: o amor, fonte do prazer, berço da felicidade, cratera da desgraça, propyleu da eternidade, é um suave linitivo capaz de transformar o mais cruel infortunio num soffrimento tão doce que nos deleita como se perdidos no Sahára ouvíssemos o mavioso cantar de aves campezinhas... por isso aquella alma não soffre, simplesmente em extase goza a doçura do soffrimento...

O vento sopra, uma praça regorgita, aves não cantam, e a alma jovem e pensativa, vendo passar a sua creatura ideal, onde sympathia e graça se casam, respira o seu soffrimento tão doce como o perfume exhalado da laranjeira em flôr, tão affável como o sorriso de uma prece...

Mais vale um gosto que quatro vintens...

Uns saciam os seus instintos disputando com bravo irracional, outros gritando e bebendo, e ainda outros se deixando conduzir pelos amores e soffrimentos doces, e nós, partidarios do eclectismo, registamos as scenas para depois de examina-las formar o nosso juizo acerca da conveniencia ou desconveniencia das touradas...

9/6/927.

B. Cunha.

A CHRYSALLIDA

Ouvindo-te

A. Guilhermina.

O piano, ao contacto dos teus dedos ageis, sobre os seus alvos dentes de marfim, deixa sahir do recondito das suas cordas, os doces arpejos de uma rhapsodia.

Aos accordes dessa musica evocativa que me embala, surge-me o espectro do passado...

Os salões magnificamente ornamentados, numa profusão de flores, de luzes e de melodias emanados de um cravo...

Depois... os pares que se agrupam e em gracios meneios, dansam ao compasso cadenciado do minueto.

... Do outro lado, na alegria ruidosa do campo, a gente simples enfiada em grossieiros tamancos, sapateia a gavota.

... Afigura-se-me após, uma scena brasileira.

Uma festa de S. João, numa chacara de arrabalde, do tempo dos "beija-mãos" e dos tilburys, em que á luz chamejante das fogueiras, entre o choroso lundú e o mellado com cará, lépidas morenas sacroteiam a polka...

Todas estas scenas, que a vovó contava-me, nas placidas noites de serão, e hoje destruidas pela selvageria do charleston, lembram-me, as notas que arrancas desse instrumento, como si eu realmente as presenciasses.

Musica! Quão sublime e prodigiosa és!

Fizeste, ás tuas vibrações, moverem-se os granitos e os rios em seus cursos deterem-se, quando Orpheu em sua harpa, meditava as saudades de Eurydice. A collorida imaginação grega, mira em ti a constructora dos muros de Thebas! - O som da lyra de Amphion as pedras se sobrepunham para construí-lo.

Poste, desde a mais remota

antiguidade, a mais bella e cultuada das artes. E o serás sempre, embora neste seculo de futurismos, te desvirtuem os infernaes ruidos do Jazz-band.

DUNGA.

"A Chrysallida Social"

Em viagem de recreio, partiu com destino a Capital Federal, o Cap. J. Calixto Bernardes, bondoso inspector de alumnos do Lyceu.

Feliz viagem.

Surgiram na arena jornalística os jornaes "A Semana" e "A Plebe" dirigidos respectivamente pelos dres: Benedicto de Campos e Agricola P. Barros.

Felicitemol-os.

Completoou dous annos de existencia, no dia 17 de Maio, 'A Penna Evangelica', orgam da Igreja Presbyteriana de Cuiabá.

Parabens.

Já ha varios annos que os 5.º annistas vêm mantendo uma serie de conferencias sobre as datas nacionaes.

Continuando a cadeia dessas conferencias, fallou no dia 14 do mez passado, sobre a data de 13 de Maio, o nosso intelligente companheiro redacção Clodoaldo Bastos que reunindo ao seu natural talento, grande copia de documentação, com rara maestria desempenhou o papel confiado por seus collegas.

Sobre a data de 13 de Junho fallou o 5.º annista Crescencio Monteiro.

A Conferencia do talento-so jovem esteve á altura da grande data.

Com o desembarço que lhe é natural, leu perante o

corpo docente e alumnos o seu bem elaborado trabalho, sendo muito cumprimentado.

Aos jovens conferencistas enviamos as nossas felicitações em côro com as já abundantes recebidas.

Foi bem feliz para nós a data de 5 do corrente que assignalou mais uma primavera do nosso dedicado e operoso companheiro de redacção Bonifacio Cunha.

O curso brilhante que vem fazendo no Lyceu, é a garantia do seu futuro.

"A Chrysallida" que tem na sua pessoa um dos melhores pioneiros, envia-lhe o seu cordial abraço de felicitações.

Recebemos a seguinte circular, a qual, agradecemos:

Apraz-me comunicar-vos ter sido fundada, nesta cidade, a 15 do corrente mes, uma agremiação de estudos de linguagem, a qual agremiação veio a denominar-se "Instituto Filológico Matogrossense".

Compareceram á sessão de fundação, realizada em o edificio do "Centro Matogrossense de Letras", os snrs. dres. José de Mesquita e Alfrido de Figueiredo, profs. Isac Póvoas, que presidiu aos trabalhos iniciais, Nilo Póvoas, Arnaldo Ador e Cesário Neto, Orestes Miraglia e Celestino Pina.

Será desnecessário encarecer a utilidade de uma instituição desta natureza, mormente nestes tempos em que se despreza criminosamente o estudo do idioma.

Aproveitando o ensejo que se me depara, apresento-vos os meus protestos de estima e consideração.

O Secretário interino,

Celestino Pina.

Impresso na TYP. CALHAO
— Rua Barão de Melgaço 153.